



37
31
Américo José de Almeida
515

PELA QUARTA INTERNACIONAL !
PELO PARTIDO OPERARIO LENINISTA DO BRASIL !

B O L E T I M D E I N F O R M A Ç Õ E S

Informações nacionais e estrangeiras.

Nº 1.

Preço: 500 reis.

JULHO DE 1937.

Iniciando a publicação do BOLETIM DE INFORMAÇÕES nacionais e internacionais, que circulará mensalmente, visa o Comitê Central Provisorio do PARTIDO OPERARIO LENINISTA, colocando a vanguarda do Brasil em condições de acompanhar a marcha dos acontecimentos nacionais e mundiais, facilitar o agrupamento dos revolucionarios marxistas do Brasil sob a bandeira da IV INTERNACIONAL.

O Comitê Central Provisorio do PARTIDO OPERARIO LENINISTA.

30 de Junho de 1937.

516

SUMARIO:

A REVOLUÇÃO ESPANHOLA

- 1- A IV Internacional e a Revolução Espanhola
- 2- Resolução do CCp. do POL sobre o governo Negrin
- 3- Artigo do comp. Vidal

OS PROCESSOS DE MOSCOU

- 4- Carta de Frederick Adler
- 5- Ossietski e o terror stalinista
- 6- A singular viagem de Piatakov
- 7- Telegrama ao procurador Vinchinski
- 8- Declarações do secretario de Trotsky
- 9- Contra-processo de Praga
- 10- Contra processo na Suíça
- 11- Acção realizada na França

TROTSKY NA AMERICA

- 12- Meeting em Nova York
- 13- Os stalinistas mexicanos e Trotsky

BOLETIM DE INFORMAÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS

EDITADO E PUBLICADO PELO COMITÊ CENTRAL PROVISÓRIO DO PARTIDO OPERÁRIO LENINISTA

1 e 2 de Fevereiro de 1937

38

517

A IV Internacional e a Revolução Espanhola

(Resolução do Bureau Internacional pela IV Internacional,
em 13 de Janeiro de 1937.)

A Revolução Permanente

Levantando-se espontaneamente contra Franco, os operários em armas fizeram acompanhar cada vitória militar contra o inimigo fascista, de medidas de expropriação do capitalismo, e de realizações revolucionárias de caráter nitidamente proletário.

A iniciativa espontânea das massas reúne toda a experiência histórica do leninismo, a realização das tarefas democráticas é impossível sem a revolução proletária. A luta de armas na mão contra o inimigo fascista deve ser acompanhada da luta contra a burguezia inteira, como classe.

O capitalismo em decomposição não pode dar reformas democráticas e sim somente insurreições sangrentas contra os operários.

Por isso mesmo fica reduzido a pó a teoria menchevique da revolução democrática, não confirmada pela Revolução Russa, e repetida, agora, pelos stalinistas por conta da canalha do capitalismo. O único meio de terminar com o fascismo, produto direto do sistema capitalista é derrubar o próprio sistema capitalista, isto é fazer a revolução socialista. Para poder haver uma vitória completa dos operários no terreno econômico e militar, é necessário a revolução socialista.

O Estado soviético

A realização da revolução socialista supõe a destruição completa do Estado burguez e a realização da dominação da classe operária, sob a forma da ditadura do proletariado, isto é o Estado soviético.

O ímpeto das massas na Espanha para a revolução socialista, a existência do regimen da dualidade do poder numa criação, paralela ao Estado oficial, reduzindo-o a Estado de fachada, de comités de usinas, de villas, de milicianos, de comité central das milicias anti-fascistas na Catalunha, não tem sido utilizado por nenhum partido na Espanha, para realizar o Estado Operário.

Os partidos stalinista e reformista ficaram á reboque da burguezia democrática para a manutenção da república parlamentar.

O POUM e a CNT-FAI, depois de terem preconizado e mesmo participado na criação dos elementos do poder operário (os comités de combatentes operários e camponeses), pela colaboração governamental com os republicanos burguezes, participaram em sua liquidação e na restauração do velho estado burguez mau grado algumas modificações accessorias. A tarefa dos marxistas revolucionários, de milicianos, elementos do poder operário, para opo-los e depois substituir o Estado oficial.

Quebrar a velha máquina, e substituir a forma estática descoberta pela Comuna de Paris, tal é a lição de Marx, aplicada por Lenin e Trotsky, mas absolutamente aprendida e aplicada com consequencia por nenhum dos partidos existentes na Espanha.

O programa de ação do Estado operário é a expropriação

O programa de ação do Estado operário é a expropriação do grande capital, a socialização dos bancos, das grandes indústrias, do transporte e do solo. Além disso a instituição do monopólio do comércio exterior.

Neste caminho se atirou, desde o começo, o ímpeto dos combatentes operários, especialmente na Catalunha, onde os grandes capitalistas industriais e proprietários de terras foram expropriados.

Mas o velho Estado continuou sob o controle dos republicanos que diante das forças revolucionárias tiveram de aceitar a expropriação de fato, das usinas e das propriedades, mas torpedearam a socialização do Capital financeiro e o monopólio do comércio exterior, por meio de um pretensível controle estatístico.

A coletivização da indústria e das propriedades territoriais, sem a posse completa pelo Estado Operário, do capital financeiro e sem o monopólio do comércio exterior que permitindo planificar a economia na escala nacional, protegendo-a contra as crises interiores e os ataques exteriores, reduziu-se a um sistema híbrido, não viável, no qual cada uma das empresas ligadas umas às outras por laços puramente organizatórios funciona sobre a base de seu próprio rendimento.

Os recursos financeiros de cada empresa uma vez esgotados é necessário apelar para o capital financeiro do exterior e do interior.

É esse o momento que esperam os inimigos da revolução socialista (stalinistas, reformistas e republicanos "leões") para aproveitar do estado de panico financeiro e econômico a favor do capital financeiro e da consolidação do statu-quo democrático burguez. O novo governo catalão em que colaboram os anarquistas, mas cuja política dominante é republicana e stalinista, prepara a volta ao sistema capitalista, tal como funcionava antes de 19 de Julho, sob o pretexto de assegurar a vitória militar. Mas o governo precedente do qual participava o POUM tinha facilitado enormemente essa tarefa.

A lição é a seguinte: sem a posse total do poder político pelo proletariado e sem a apropriação total dos meios principais de produção, de comércio e de transporte pelo Estado ditadura do proletariado, não há nenhuma gestão socialista durável da economia!

Nem a C.N.T., nem o POUM levaram em conta a realidade deste princípio marxista elementar.

A questão agrária

Os stalinistas pretendem se opor à revolução socialista, para defender a república democrática, mas na realidade, sabotam a realização da tarefa democrática por excelência: a terra para os camponeses. Esta medida não é mesmo encarada pelo governo republicano-socialista-stalinista-anarquista de Valência.

Mas em toda parte os camponeses se apoderaram das terras, principalmente na Catalunha, onde as grandes propriedades foram coletivizadas por um decreto ratificando esse fato já ultimado. Isto tanto na coletivização das terras como na coletivização industrial.

O usufruto não poderá ser assegurado ao camponez pobre e médio e, por toda parte onde as condições de produção permitirem, a coletivização não poderá ser realizada com su-

O usufruto não poderá ser assegurado a ninguém sobre a terra e, por isso, onde as condições de produção permitirem, a terra deve ser trabalhada com sucesso e com lucro, não pelo Estado Operário e camponês que tiver nacionalizado a terra, expropriado o capital financeiro e instaurado o monopólio do comércio exterior. O interesse direto dos camponeses espanhóis e, pois, a ditadura do proletariado.

A questão colonial

Um povo que oprime um outro povo não pode ser livre. Ora, a república dos srs. Azana e Caballero não quer absolutamente romper com o sistema de opressão colonial. Essa política se caracteriza pela recusa em conceder a liberdade a Marrocos, o que permite a Franco a demagogia barata de conceder uma autonomia de fachada aos grandes chefes nacionalistas, e de atrair, assim, os trabalhadores marroquinos contra os operários da Espanha.

A política revolucionária e mesmo a única medida democrática consequente, é a liberdade imediata dos povos coloniais, inclusive o seu direito de se separar da Metrópole, e isso particularmente para Marrocos.

Os revolucionários espanhóis devem desde agora desenvolver e sustentar com todas as suas forças o movimento do povo marroquino para se libertar do jogo imperialista, e a luta das classes oprimidas marroquinas contra os feudais e capitalistas indígenas, cúmplices de imperialismo. A revolução espanhola ganhará assim um possante aliado na retaguarda dos seus inimigos fascistas.

As Nacionalidades

Acontece o mesmo com as nacionalidades oprimidas no interior da península, e que aliás se libertaram elas mesmas no momento da insurreição (vascos, catalães). Entretanto, o governo central multiplica as opressões e organiza o boicote financeiro em relação à Catalunha, onde o regime burguez foi fortemente abalado.

Desta forma os protagonistas da manutenção do statu-quo burguez, sob o pretexto de unidade de luta, acentuam a fossa entre as massas catalãs e o povo iberico, isto é, semeiam a divisão no campo das massas combatentes.

Sobre esse plano, igualmente, a política "democrática" dos srs. burguezes, reformistas e stalinistas, é uma política fundamentalmente anti-democrática. Somente a revolução socialista dará às nacionalidades a liberdade de dispor elas-mesmas, até inclusive do direito de separação; a aspiração final é, entretanto, a instauração da União das Republicas Sovieticas Socialistas Ibericas.

A militarização

A necessidade da luta militar impoz a milicia popular em lugar do exercito regular passado nas suas três quartas partes aos fascistas.

O caminho da vitória é pois o do reforçamento da unidade e da coesão da milicia popular, tal como foi constituída logo nos primeiros dias com suas regras proletarias sob o controle operario, com delegados eleitos e oficiais subordinados aos delegados politicos. O decreto de militarização, arrola el...

370
trole operario, com dele dos eleitos e officios subordinados dos delegados politicos.

O decreto de militarizacao, que marca a volta ás regras do exercito regular (codigo de justica nonarquico) em vicio de reconstituicao significa, na realidade, que os chefes democratas-stalinistas querem voltar a um sistema que se serviu e que se serve o capitalismo para assassinar a vanguarda revolucionaria. Coordenação e disciplina nas milicias, pelo Comité Central, delegados politicos eleitos controlando os officiais tecnicos. É necessario preparar na luta os quadros do exercito vermelho.

Os partidos

Deve-se constar que não ha na Espanha nenhum partido revolucionario que, baseado num programa marxista, seja capaz de levar o proletariado e os camponeses á tomada do poder. Em circunstancias singulamente favoraveis, de decomposicao completa do sistema capitalista e de iniciativas operarias gigantescas (a dualidade do poder com vantagem para os operarios até o fim de Setembro) como na Catalunha, assiste-se não á tomada do poder pelos operarios mas á reconquista progressiva pelos democratas das posições perdidas.

Campioes da ordem e da propriedade burgueza, os democratas e os stalinistas, revelaram o seu carter contra-revolucionario particularmente na Catalunha, para fazer desaparecer as medidas revolucionarias tomadas pelo proletariado.

As teorias anarquistas, conforme confissão dos seus dirigentes, iam ser posta á prova em condições extremamente favoraveis, na Catalunha com uma classe operaria pertencente em sua enorme maioria á CNT e á FAI.

Os chefes anarquistas começaram por fazer uma serie de compromissos com os republicanos catalães e daí nasceram o Conselho Economico para organizar "a colectivizacao na Catalunha" (sic) assim como o amalgame com o Conselho de Governo dos serviços creados pelos operarios (comité central das milicias, serviços publicos, etc.).

Foi em seguida a colaboração no governo Torradella, depois no de Madrid, enfim no segundo governo catalão, pela qual os chefes anarquistas sancionaram todas as medidas anti-revolucionarias desses governos.

A característica dos partidos anarquistas feita por Lenin se verificou inteiramente. No momento decisivo, os negadores de toda especie de Estado, diante da necessidade do Estado proletario, preferem conservar o Estado burguez, isto é, se transformam em reformistas excitados. Esta característica politica em nada contradiz o grande heroismo das massas anarquistas.

Ela explica porque á direção politica dominante da CNT e da FAI não pode utilizar este heroismo para assegurar o poder operario na Catalunha logo, e em seguida em toda a Espanha.

O POUM continuou a ser um partido centrista por suas características fundamentais: politica internacional do Bureau de Londres, divorcio entre a frase e a politica real no dominio interior. Enquanto preconizava um governo operario e se cobria com a bandeira do bolchevismo, o CC. do POUM tentava colaborar com o governo que devia liquidar os soviets e fazer desaparecer a dualidade do poder em proveito do velho Estado. Expulso do governo pelos stalinistas que não toleram se fale em revolução socialista porque as frases revolucionarias são levadas muito a serio por milhares de operarios firmes e ar-

87 34
521
Expulso do governo pelos stalinistas que não toleram mais que se fale em revolução socialista, porque as fracas revolucionárias não levadas a sério por milhares de operários armados, a direção do POUM não fez nenhuma auto-crítica seria-
dava seus erros passados.

Ora unicamente a auto-crítica implacável no fogo da luta pode permitir uma correção bolchevique. O partido bolchevique está para se criar na Espanha. Não é sino pela crítica dos erros, pela confrontação do capital político representado pelo programa bolchevique e pela experiência já rica da revolução espanhola, pela seleção, na luta, dos melhores militantes do POUM e da CNT que se formará a direção revolucionária, garantia da vitória das massas.

A revolução espanhola e a revolução mundial

A revolução espanhola, como, em seu tempo, a revolução russa, não é sino uma parte, e mais grandiosa, da revolução mundial em sua etapa atual. Seus inimigos são os diversos imperialismos quer sejam fascistas ou democratas. A tragi-comédia da não intervenção que age á vontade para o assassinato dos operários pelas nações ditas democráticas mas que não entrava absolutamente o abastecimento de Franco pelos países fascistas, prova a solidariedade completa dos imperialistas para impedir o desenvolvimento da revolução espanhola.

A segunda tentativa de proibição de voluntários e de mediação dos imperialismos democraticos aos aos quais a URSS se associou, corresponde á vontade de quebrar o novo surto da revolução criado pela resistência de Madrid.

Conclusão: a luta contra não-intervenção significa para o proletariado a luta contra o seu proprio imperialismo. Pretendendo lutar contra a não-intervenção, sustentando seus capitalismos, os stalinistas não conseguem sino reforçar o bloqueio.

A solidariedade dos imperialismos contra a revolução pode ser substituída, no caso de revuo da revolução, pela rivalidade dos imperialismos pela partilha da Espanha, onde pode surgir uma nova carnificina mundial.

O partido revolucionario que se forja na luta dos operários da Espanha não poderá proteger eficazmente á revolução contra o bloqueio e contra a intervenção sino por meio do internacionalismo revolucionario.

Quer se trate de lutas contra o bloqueio ou de luta contra a guerra imperialista, o unico meio reside na ação revolucionaria do proletariado contra sua propria burguezia, sob a direção de uma nova Internacional.

Esta, edificada sobre as ruínas e tambem sobre os ensinamentos positivos da Segunda e da Terceira, não pode ser um conglomerado de grupos heterogenos e sem programa, como a organização do Bureau de Londres, mas um partido mundial levando uma luta intransigente sobre a base de uma mesma plataforma.

Na via de Outubro russo vitorioso, no fogo da heroica revolução espanhola, nas peripecias da luta de classes em França, Belgica, Holanda e em todo o mundo, a Internacional se desenvolverá e vencerá.

Ainda um processo de feiticaria
(extratos) por Frederico Adler

RESOLUÇÃO

50

Ao tomar conhecimento da marcha dos acontecimentos na Espanha, o C.C.P. do Partido Operário Leninista resolve:

Em face das medidas cada vez mais reaccionarias que vem tomando o actual governo de Valencia, cujo caracter de classe, burguez e capitalista, se torna dia a dia mais claro;

considerando que a unica garantia real contra o fascismo é a victoria das massas e a instauração de um governo sovietico espanhol;

considerando que o factor mais importante, na etapa actual de guerra civil, dessa victoria reside no armamento do povo, dos partidos e sindicatos operarios;

considerando que o actual governo de Valencia vem desarmando sistematicamente o povo, recorrendo para tanto á violencia aberta e ao poder das armas contra as proprias massas;

considerando que não contente em desarmar, esse governo ainda dissolveu todos os orgãos de massa, criados, espontaneamente, pela propria luta, taes como os comités de milicia, comités de massa de frente popular, comités de fabricas, etc;

considerando que esses orgãos são os germens do futuro poder proletario que se vinham formando como consecuencia da vontade real das massas em substituir o regime burguez capitalista pelo regime socialista proletario, e que dissolvem-os equivoa a esmagar no ovo a nova Espanha Sovietica nascente, em beneficio exclusivo dos capitalistas reaccionarios, de grandes proprietarios latifundiarios e do clero;

considerando que não contente com essa obra criminosa de reacção foram confiscados pelo governo todos os meios e orgãos de propaganda como estações de radio, edificios publicos e jornaes que se encontravam em poder dos partidos e organizações proletarias independentes, notadamente das organizações anarquistas, do P.O.U.M. e da esquerda socialista;

considerando que, nessas circunstancias, as garantias para o funcionamento de uma democracia real desapareceram como desapareceram as condições favoraveis a um desenvolvimento politico e organizatorio livre das massas;

considerando que o povo trabalhador já perdeu a maior parte das conquistas que o seu heroismo e o seu sacrificio arrancaram tanto das forças capitalistas mais reaccionarias como do proprio governo da Frente Popular, salvo por esse mesmo povo, quando se viu impotente, desarmado e apaleado diante do golpe dos generaes contra-revolucionarios;

considerando que, amparada pelos partidos reformistas, stalinista e socialista, a burguezia republicana que ao estalar da guerra civil havia perdido praticamente o poder, voltou a exercer a sua hegemonia tanto em Valencia como na Catalunha;

considerando que, ao mesmo tempo, os partidos e organizações proletarias revolucionarias são cada vez mais arrollados e perseguidos por esse mesmo governo;

considerando que em face dessa obra de traição aos interesses dos trabalhadores, o governo de Valencia perde, dia a dia, o seu apoio de massa;

considerando que, perdido esse apoio, elle procura esconder a sua politica com frases sobre a necessidade de defender a democracia e combater o fascismo, quando, na realidade se mostra cada vez mais impotente para dominar pelas armas o bando infame de Franco e põe, por isso mesmo, sua unica esperança na ajuda da Inglaterra;

considerando que em troca desse hipotetico apoio ella só pensa em dar garantias ao imperialismo inglez, combatendo as aspirações socialistas das massas, desarmando o proletariado e seus elementos mais conscientes e devotados, perseguindo a vanguarda operaria, liquidando as liberdades democraticas, arrebatando ao povo trabalhador toda possibilidade de iniciativa e os seus meios e orgãos proprios de luta, de expressão e de propaganda;

o Comité Central Provisorio do Partido Operario Leninista denuncia ao proletariado a marcha-ré dos governos de Valencia e Barcelona, solidarizando-se com todos os camaradas do P.O.U.M. que enquanto morrem nas trincheiras em defesa desses mesmos governos e combatendo os bandidos fascistas vêm os seus chefes e dirigentes mais devotados e fieis serem perseguidos e presos por esses mesmos governos;

o Comité Central Provisorio do Partido Operario Leninista denuncia ao proletariado essa politica criminosa e reaccionaria do governo de Valencia reduzido hoje a um instrumento do imperialismo anglo-francez, como Franco é um instrumento do imperialismo italo-alemão;

protesta vehementemente contra as infames acusações de intelligencia com o inimigo fascista lançadas sobre os camaradas do P.O.U.M. e elementos revolucionarios da F.A.T. e da C.N.T.;

identifica essas acusações com as calunias que o imperia- lismo e seus agentes, como Kerenski & Cia. o governo de Frente Popular de então lançaram em 1917 contra Lenine e seus camaradas do partido bolchevique;

a propósito lembra o Comité Central Provisorio do Partido Operario Leninista que tambem por ocasião da revolução russa Lenine foi acusado de agente e espião de Guilherme II e surgiram tambem "documentos", "provando" que Lenine recebera dinheiro do Estado Maior alemão;

Por todos esses motivos, o C.C.P. do P.O.L. cumpre apenas um elementar dever revolucionario emprestando toda a sua solidariedade ao cam. Andrés Nin e seus comp. do P.O.U.M., assim como aos melhores combatentes anarquistas, victimas de sua fidelidade á revolução proletaria.

Elles constituem os melhores combatentes do proletariado, a vanguarda revolucionaria da classe operaria; sua derrota e seu esmagamento constituem a maior derrota para as massas e um grande triunfo para a burguezia capitalista e o fascismo.

A victoria sobre o fascismo só podera ser conseguida com a mais ampla iniciativa das massas, pelo desenvolvimento e applica-

524

ção do programa revolucionario e socialista, pela instauração do poder sovietico e de um governo de soldados, marinheiros, operarios e camponeses; pela criação de um Exército Vermelho popular sem generaes profissionais, pela extinção do capitalismo na Espanha. Só a esse preço é possível ainda a victoria sobre Franco; só a esse preço os immensas sacrificios e o admiravel heroismo do povo trabalhador da Espanha podem ser pagos!

-X-X-X-X-

Decide-se neste momento, na Espanha, a sorte da Revolução durante muitos anos.

Após um ano, a guerra civil continua sem alternativas favoraveis ao proletariado. Durante este longo periodo de luta o governo de Azaña nada mais fez que demonstrar a sua dolorosa impotencia e absoluta incapacidade em solucionar as questões vitales no sentido de levar o povo espanhol a victoria sobre a corja de generaes fascistas. Não fóra a extrema combatividade dos trabalhadores espanhóes, que iniciaram a luta contra os fascistas antes do governo, e por cima deste que nada fez para impedir o golpe dos generaes, a Espanha estaria sob o tacão da bota do fascismo. Desde o inicio que o governo espanhol está na mais absoluta impotencia para dar um passo decidido á luta contra o fascismo. Apoiando-se sobre partidos operarios, e, não obstante, o governo de Azaña um governo burguez capitalista.

A Frente Popular até hoje só tem servido para sustentar no poder a burguezia republicana que já estava tão desmoralizada que necessitava de uma capa protectora.

A direcção socialista manteve o proletariado durante muitos anos, desde 1931 amarrado á republica "democratica", prendendo-o tão solidamente quanto possível e agora os stalinistas os auxiliam nesta tarefa em nome da defesa da "democracia burguezia".

Dificilmente vê-se na historia do movimento operario um record tão grande de capitulações feitas pelos dirigentes operarios deante da burguezia como se dá hoje na Espanha com socialistas e stalinistas. Na Frente Popular a burguezia não é utilizada pelos partidos operarios, mas arrasta esses a reboque de seus interesses. Não existe grande diferença entre as palavras de Martinez Barrios, republicano-burguez, e Uribe do P.C. espanhol. O esmagamento de Franco e de sua corja só será possível na base da ação audaciosa e consequente da classe operaria. A completa subordinação do proletariado dentro da Frente Popular á burguezia republicana está claramente demonstrada, ha mezes atraz. Existiu, em determinado momento, a dualidade de poderes. A burguezia republicana conservava o aparelho do Estado, mas as milicias - o povo em armas - tinha as armas e força. Os bonzos socialistas e stalinistas, habilmente manejados, foram os mais interessados em unificar o poder nas mãos da burguezia. A extinção do Comité Central das Milicias e a sua unificação como corpo do exercito com um comando unico foi o primeiro passo nesse sentido.

Quando rebentou o golpe fascista, o governo foi incapaz de se defender, e o proletariado tomou de assalto os quartéis de Madrid e Barcelona, armando-se e esmagando, assim, o levante nessas cidades. Naquele momento os anarquistas, que dias antes tiveram fechadas e posta na ilegalidade a C.N.T., a grande central sindical, pelo mesmo governo de Azana, tiveram parte séria e luta contra os fascistas. A defesa do governo e da democracia foi feita pela massa, sem nenhuma ação daquele.

Se naquele momento os chefes socialistas e stalinistas soubessem agir marxisticamente teriam levado o proletariado ao poder, tomando todas as medidas de caracter socialista, fazendo uma luta revolucionaria contra o fascismo. A divisão das terras teria levantado os camponeses de toda a Espanha contra Franco provocando a insurreição na retaguarda nacionalista, ao mesmo tempo que, com a libertação de Marrocos impediria a mobilização dos militares pelos generaes. Mas isto não foi feito. A burguezia republicana prefere, na peor hipótese, um acordo com Franco e seus nacionalistas italo-germanicos a victoria dos trabalhadores. E os seus lacaios stalinistas e socialistas não vêm isso.

A QUEDA DO GABINETE LARGO CABALLERO

Esta queda foi um passo á direita na politica da Frente Popular. Era preciso um gabinete menos operario, que não hesitasse semom reprimir violentamente os movimentos operarios como se viu na Catalunha e Tarragona; e o levante anarquista de Barcelona é um sinal da insatisfação do povo espanhol diante da politica dubia e vacillante da Frente Popular.

Negrin, o actual primeiro-ministro, já se recusa a chamar os fascistas de fascistas, são apenas rebeldes, diz o substituto de Caballero. E procura-se mais em abafar os movimentos de massa, do que lutar contra os fascistas. As medidas prontas tomadas contra os operarios de Barcelona, com rapidez e decisão, não foram applicadas pelo governo de Valencia para defender Bilbao.

A HISTORIA SE REPETE

Vemos hoje na Espanha a repetição das jornadas de Junho de 1917 na Russia. O proletariado já começa a demonstrar a sua falta de confiança na politica de seus líderes obtruniss. Diante da queda de Bilbao e do fracasso do Comité de Não-Intervenção, no qual a Frente Popular deposita tantas esperanças e que foi incapaz de impedir o acto do vandalismo indescritivel do bombardeio de Almeria pela Alemanha e a intervenção descarada de Hitler e Mussolini ao lado dos generaes, a insatisfação e falta de confiança dos trabalhadores no governo deve ter aumentado.

Como Kerenski e os mencheviques, em 1917, acusavam Lenin e os bolcheviques de agentes da Alemanha, o governo espanhol e os seus servidores stalinistas e socialistas acusam os militantes marxistas e anarquistas de fascistas etc etc. Os anarquistas que no primeiro momento salvaram o governo e que foram os primeiros a deter Franco diante de Madrid, onde perdeu a vida o lider da C.N.T. Durruti, são perseguidos e muitas vezes mortos sumariamente pela policia de Azana. Agora é o Partido Obreiro de Unificacion Marxista que é posto na ilegalidade e seus chefes presos como agenses de Franco. Como na Russia de Kerenski, Martov, etc, na Espanha de

Azaña, Prieto e Uribe, não existe crime maior do que chamar o proletariado a lutar pela implantação dos soviets, unico meio de derrubar a burguezia e consequentemente esmagar o fascismo.

As condições necessarias para a implantação da ditadura do proletariado existem. A luta do campesinato contra os grandes proprietarios, contra o semi-feudalismo, (principalmente no territorio ocupado pelos fascistas), a luta dos camponeses pobres, dos semi-proletarios e dos operarios dos centros industriaes contra o capitalismo, aliada ao senso politico agudo, a enorme combatividade e a experiencia politica adquirida pelo proletariado e os camponeses pobres neste longo processo revolucionario que vem durando na Espanha desde 1931, com derrotas e victorias, são as condições objetivas para a luta pelo poder. O que falta é um partido revolucionario consciente, com ideologia marxista solidamente forjada.

Mas o reagrupamento de forças-concretização da desconfiança do proletariado no governo da Frente Popular ainda está atrasado. Porém, diante dos ultimos acontecimentos, a diferenciação dentro do Partido Socialista e a experiencia politica adquirida nestes ultimos tempos pelos anarquistas, assim como a reação contra o PCUM (a maior parte dos operarios da Catalunha) até então centrista, a lerará, inevitavelmente, o processo da formação da direção revolucionaria capaz de levar o proletariado ao poder. Este processo tem muito tempo a desenvolver-se, deve kristalizar-se no proprio processo de luta contra o fascismo, contra Franco e seus aliados alemães e italianos, contando como Lenine em 1917, com o proletariado internacional, e não como Azaña, Uribe e Prieto, com a burguezia dos países "democraticos".

"Lutar pelos Soviets é dividir neste momento as forças democraticas" objetam os chefes socialistas e stalinistas. É impossivel levar mais longe o servilismo para com a burguezia que os atuais plagiarios de Plekanov na Espanha. Quando em 1917, Kornilov, archa sobre Petrogrado para derrubar o governo provisório de Kerensky, sendo que varios ministros do governo estavam acumpliciados com Kornilov, os bolcheviques lutaram contra Kornilov junto ás tropas de Kerensky, porém sem abandonar um só instante a luta contra este. Muito ao contrario, demonstraram a todo momento a impossibilidade de Kerenski satisfazer as aspirações revolucionarias da massa.

"Lutaremos contra Kornilov como as tropas de Kerenski, mas não tentaremos contra Kerenski, não abandonaremos nem um momento a nossa luta contra ele" - Lenine (Norcaminho da insurreição).

A actual situação espanhola é uma demonstração concreta da bancarrota total da politica de "Frente Popular" e é, ao mesmo tempo, o atestado de obito passado pela historia aos dois tradicionais partidos do proletariado - a 2a. e a 3a. Internacionais.

Como dissemos acima, a salvação do proletariado espanhol está no reagrupamento da vanguarda revolucionaria sob a bandeira da IV Internacional. Este é o caminho para a Revolução Internacional.

Rio, Junho de 1937.

(a) VIDAL.

"Embora isso seja incoerente, há entretanto nisso algo de lógico". (Hamlet)

Após o processo de Zinoviev escrevem: "Tais processos não devem jamais se reproduzir: é necessário que os governantes de Moscou compreendam isso. Não o compreenderam. Conduziram o processo contra Piatakov, Radek, etc... exatamente da mesma maneira que os precedentes e anunciam que se deve esperar breve novos processos contra Bukaxine, Rikoy, Rakovsky e outros. Moscou é verdadeiramente incapaz de compreender que prejuízo imenso causa à URSS tais métodos de processo jurídico? Não compreende então que dessa maneira ninguém será, ninguém poderá ficar convencida da culpabilidade dos acusados? A exceção daqueles nos quais seu partido impões aprovar tudo que faz Stalin.

Durante uma semana inteira, ouvimos, vindas de Moscou, as pobres acusações... Piatakov confessou que, durante anos, tinha dado ordens para a execução de atos de sabotagem nas empresas de que tinha o controle e, o que é verdadeiramente notável, esses atos de sabotagem realizaram-se sempre sem que seu superior Ordjonikidze se apercebesse... Serebrianov confessou que tinha organizado descarrilamentos de trens de ferro... Radek, que publicou, infatigavelmente, artigos a serviço da política de Stalin, e Sokolnikov... confessaram ter conspirado com os representantes da Alemanha e do Japão, afim de preparar na URSS a intervenção de potências estrangeiras e a derrota no curso de uma guerra. E tudo isso se fez, como todos o "confessaram" por instruções expressas e diretas de Leon Trotsky, tendo com fim principal o restabelecimento do capitalismo na URSS.

Tudo o que os acusados declararam... parece tão monstruoso, tão incompreensível, que o europeu normal desespere de não compreender nada disso. Tudo o que se passou no tribunal de Moscou, nas últimas semanas de Janeiro, já havia se desenrolado uma vez exatamente da mesma maneira, exatamente com as mesmas acusações e a mesma repetição de papéis, há seis anos. Não há ainda alguns nomes diferentes. Aquilo que hoje se imputa ao "trotskismo" era, naquela época, o "menchevismo" que era culpado... Contentar-nos-emos em reproduzir uma citação da "Pravda", de 37 de Fevereiro de 1931, dando um resumo da ata da acusação do processo então em curso:

"Os depoimentos dos inculpadés, membros dirigentes durante anos, de partido menchevique, Cher'ikov, Ginsbourg, etc. demonstram que o partido menchevique se transformou, em sua luta contra a classe operaria, em uma agencia paga pelo imperialismo francez, em um aliado direto dos fabricantes, especuladores, kulaks e guardas brancos emigrados. Esses depoimentos constataem que o trabalho de intervenção e sabotagem dos mencheviques na URSS, tinha o apoio da II Internacional e, em primeira lugar, da social-democracia alemã. O objetivo dos mencheviques e da II Internacional e o esmagamento da revolução proletaria na URSS arruinando o fundamento da economia socialista. Seu fim é a ocupação da URSS, sua partilha entre os bandidos internacionais, a volta dos capitalistas e proprietarios rurais, décadas de terror branco contra os operarios e trabalhadores da URSS, a tortura e o massacre dos comunistas e dos combatentes da vanguarda da classe operaria, a imagem de Ludzk". Nessa época, em 1931, nós, os representantes da I.C.S. e entre

78

54

eles Leon Blum e Vandervelde que foram pessoalmente citados no processo, fomos acusados de ter por objetivo "o esmagamento sangrento da revolução proletária na URSS... a ocupação da URSS, sua ~~partilha~~ partilha entre os bandidos imperialistas, a volta do capitalismo e dos proprietários territoriais". Conhecemos a miserável campanha de calúnias que, durante esse processo, foi atirada contra nós, e compreende-se perfeitamente que estejamos cheio de cepticismo, o mais profundo, quando presentemente Moscou lança contra Trotsky, palavra por palavra a mesma acusação.

Aos organizadores desses processos falta terrivelmente originalidade. Cada um dos detalhes de 1931 se repete em 1937. Naquela época o "Bureau da União" de Moscou, recebeu, pretensamente, de Abramovich, uma "carta contendo diretivas", reclamando a preparação de atos de sabotagem e intervenção. Desta vez Radek confessa ter recebido de Trotsky "uma carta contendo diretivas". Naquela época o Tribunal não teve ocasião de ver a carta contendo diretivas, que permaneceu escondida, da mesma maneira que desta vez em que Radek já a tinha "queimado" dois anos antes. Mas desta vez, como então, os acusados tiveram meios de comunicar o conteúdo, e Radek, pode mesmo recitar, palavra por palavra, páginas inteiras dessa carta. A "carta" de então não existiu jamais, e é, do mesmo modo, muito provável que Trotsky, como este afirma, não tenha jamais escrito a Radek. Hoje, como ontem, formou-se um "amalgama" de acusações sem nenhuma relação entre si: Hoje, como ontem, o fim essencial consiste em caluniar e descreditar os ausentes. Tratava-se então da Delegação no Extranjeiro dos Mencheviques em Berlim e da T.O.S.; hoje se trata de Trotsky em seu asilo mexicano.

Compreendemos bem que a URSS se defenda com todas as forças, e com uma grande severidade, de todos os culpados de alta-traição, contra os espíões e agentes fascistas. Mas o que é intolerável e o que incessantemente provoca a nossa indignação, é o fato de que o sistema de justiça política em vigor na URSS permite todas as dúvidas quanto à culpabilidade verdadeira dos condenados e que se pode provar que inúmeras vezes inocentes tem sido executados:

Um advogado inglês, Dudley Collard, enviou, de Moscou, ao "Daily Herald" um artigo que foi publicado a 28 de Janeiro, onde ele defende com energia e sob todos os pontos de vista o processo jurídico em uso em Moscou. Dudley Collard apresenta-se como um observador completamente imparcial e declara especialmente:

"Sigo (o processo) com toda a independencia e o estudo colocando-me num ponto de vista mais juridico que politico. Possuindo um conhecimento geral das leis sovieticas processuais, e embora tenha frequentemente visitado os tribunais populares, este é o primeiro processo que assisto.

Temos excelentes razões para duvidar da imparcialidade do sr. Collard. A I.O.S. e a F.S.I. receberam a 26 de Agosto, de Moscú, telegramas, assinados pelo sr. Collard e contendo apreciações terminantes sobre o processo intentado no mez de Agosto a Zinoviev Kanoniev:...

"Nós, abaixo assinados, membros do tribunais ingleses e americanos, presentes em Moscú, seguimos com grande ~~atencão~~ atencão o processo de Zinoviev Kanoniev e outros, e protestamos, com grande indignação, contra os telegramas do presidente e secretario da I.O.S. e da F.S.I...." O sr. Collard assegura ao mundo inteiro que no processo ele não joga um papel comico...

Depois de suas declarações do mez de Agosto e de suas declarações actuaes, nós não temos nenhuma duvida sobre o papel que ele representa...

O sr. Collard declara que o "processo" judicial soviético assemelha-se, por sua forma, aos da maioria dos países continentales mas difere, profundamente, do da Grã Bretanha. Quaesquer que sejam as deficiencias do processo judicial de continente, forçoso nos é defendel-o desta comparação com o processo soviético russo em materia de processo politico. A contradição essencial de que se trata, é a que opõe os métodos escolásticos da deducção que predominaram durante toda a idade Media aos métodos de indução, ponto de partida da ciencia moderna. Em toda a parte o inquerito judicial procura descobrir os fatos verdadeiros enquanto que na URSS se dispõe a inventar tambem fatos que pareçam adequados. Enquanto se trata de "fatos" acontecidos na URSS, sua existencia, por inverosimil que possa aparecer na maioria dos casos, não pode geralmente ser nem provada nem contraditada. Mas, ao contrario, os raros casos de "fatos" acontecidos no estrangeiro, resultam sempre não ser sinão puras invenções... Em cada um desses processos é necessario que intervenha como prova essencial uma "viagem". No processo dos mencheviques em 1931 foi a viagem de Abramovitch de Berlim a Moscú. No processo Zinoviev, em Agosto de 1936, foi a viagem do filho de Trotsky de Berlim a Copenhague. No ultimo processo foi a viagem de Piatakov de Berlim a Oslo. Ora é extraordinario que

530

nenhuma dessas viagens tenha sido efetuada. Em cada uma dessas tres ~~casos~~ ~~casos~~ ~~casos~~ trata-se de puras invenções da Cúepu, mas invenções estúpidas pois que se pode perfeitamente demonstrar sempre que são puras invenções.

Enquanto se induz os acusados a fazer certas definições teoricas do fascismo, etc... tudo sai em regra. Mas logo que se entra no dominio dos fatos, quando se trata de hotéis, de aviões e de realidades análogas, as cousas ficam ruins.

Enquanto os governantes de Moscou permanecerem nesses metodos de procedimento judiciario, e não passarem a um sistema de procura da verdade, a desconfiança que eles suscitam tornar-se-á invencível.

A URSS não poderá sinão ganhar em conduzir seus processos politicos de conformidade com os principios de segurança politica. Esperamos que em Moscou acabe -se por compreender isso.

1 e 2 de Fevereiro de 1937.
(a) Frederick Adler

-X-X-X-X-

OSSIETVSKY E O TERROR STALINISTA

Carl von Ossietzky, a quem foi atribuido o Premio Nobel da Paz, sabe bem o que significam os processos politicos. A 24 de Janeiro de 1933, um mez após deixar a prisão que o meteu Bruning e 5 mezes antes de iniciar sua pena no campo de concentração hitlerista, escreveu em sua revista "Weltbuhne" a seguinte introdução a uma carta de Trotsky a respeito do suicidio em Berlim de sua filha Zenaidia:

"Publicamos esta carta de Trotsky, integralmente - escreve Ossietzky, para que se possa conhecer o que os moscovitas, em seu odio cego têm feito ao seu maior heroe vivo. Nenhum homem de senso contestará o direito de Stalin se defender do genio politico de Trotsky. Mas os meios de luta devem corresponder ao espirito da Revolução Proletaria, em vez de se valer do peor arsenal do regimen policial-burguez. Os incontáveis defensores não-comunistas da URSS atravez do mundo, que durante anos têm lutado para arrancar os prisioneiros vermelhos, um após outro das mãos dos governos, têm o direito de obter uma resposta a esta pergunta: porque lutar ainda si a propria Moscou não se comporta diferentemente de Chiappe ou da Scotland Yard ?

A SINGULAR VIAGEM DE PIATAKOV A OSLO

Segundo os telegramas de Moscou, sobre o novo processo "trotskista", um dos acusados, Piatakov, teria confessado haver visitado Trotsky em Dezembro de 1935, e conferenciado com ele, próximo à villa norueguesa de Honefoss. Piatakov teria, em disso, declarado que ali chegara, de avião, do campo de aviação de Tempelhof (próximo a Berlim) tendo se utilizado de um passaporte falso. Teria vindo a Noruega sob o pretexto de uma conferência com um dos dirigentes da Cooperação Norueguesa.

Já o extranho fato desta viagem ter sido feita em avião no mez de Dezembro, época em que o tráfego aéreo regular está interrompido, leva-nos a uma atitude cepta a respeito de sua confissão. Ele afirma que o aparelho era um biplano; ora um tal aparelho só poderia aterrissar no campo de aviação de Kjeller. Mas aqui, afirmamos, nenhuma visita houve de qualquer avião particular em Dezembro. Esta declaração nos foi feita também no aero-porto de hydro-aviões de Gressholmen.

Todos os russo têm, antes de entrar no país, de possuir um "visto" que é rigorosamente controlado. Si Piatakov tivesse um passaporte falso, não haveria, evidentemente, nenhuma inconveniente que Piatakov aí estivesse estado, mas o sr. Krongstad, chefe do Bureau Central de Passaportes, considera isso impossível. Tivemos também uma entrevista com um membro do Parlamento, o redactor Konrad Knudsen, que, naquela época, era quem hospedava Trotsky. "A confissão de Piatakov, disse-nos ele, deve ser pura invenção. Em todo caso é inteiramente fora de duvida que Trotsky tivesse tido, nessa época, qualquer entrevista com ele. Trotsky chegou em fins de Outubro de 35, de Ulevel (hospital) e não deixou minha casa senão na ultima semana antes do Natal. Estava sempre doente e não recebia visitas, da mesma forma que não atendia a chamados telefonicos. Era eu mesmo, ou membros de minha familia, que atendia o telefone; perguntei a todas as pessoas de minha casa si se recordavam de algum chamado telefonico que pudesse estar ligado ao caso, mas todos me afirmaram que não houve nada. Primeira vez que Trotsky deixou minha casa após sua estadia no hospital foi, como já disse, na ultima semana antes do Natal. Viajou comigo para minha casa em Oyeangen, próximo de Ringkollen, onde se demorou alguns dias. Vivia completamente isolado do mundo e não creio que fosse possível a Piatakov nem a ninguém encontrá-lo."

(De "Aftenposten", edição vespertina, 25 de Janeiro de 1937. Oslo.)

-X-X-X-X-

TELEGRAMA PASSADO A VINCHEVINSKY

"Oslo, 29 de Janeiro de 1937.
Senhor Procurador Vinchevinsky - Tribunal Militar - Moscou.
Communico-vos que está hoje confirmado oficialmente que em Dezembro de 1935 nenhum avião estrangeiro ou particular aterrissou no campo de aviação próximo a Oslo. Como hospedeiro de Trotsky confirmo também que em Dezembro de 1935, nenhuma entrevista teria podido haver entre Trotsky e Piatakov.

Konrad Knudsen, deputado "

532

DECLARAÇÃO DO SECRETARIO DE TROTSKY

"A afirmação de que Piatakov teria visitado Trotsky em Dezembro de 1935 é pura invenção. Neste mez não abandonei Trotsky sinão metade de um dia que ocupei em fazer umas compras em Oslo e um dia que passei em excursão de ski pelos arredores. Entretanto durante esse tempo Trotsky esteve acompanhado pela familia de Knudsen, no apartamento da qual ele ocupava um gabinete e um quarto de dormir. Está completamente fóra de duvida que nenhum estrangeiro poderia visitar Trotsky sem entrar antes em entendimento comigo. Eu, da mesma forma que a familia Knudsen, posso afirmar irrefutavelmente que Trotsky, em Dezembro de 1935, não recebeu nenhuma visita de estrangeiros. Uma entrevista clandestina estaria tambem totalmente excluida, pois todos nós estávamos inteiramente ao corrente dos menores passos de Trotsky, simplesmente pela razão de que temíamos um atentado contra ele.

Erwin Wolf"

-X-X-X-

CONTRA-PROCESSO DE PRAGA

Leon Trotsky decidiu apresentar queixa contra os jornaes stalinistas da Tcheco-Slovaquia por difamação, atravez da imprensa de Praga, assim como em outras partes do paiz, quando do processo de Moscou.

A queixa-crime devia ser, primitivamente, apresentada pelo advogado Dr. Friedrich Bill. Para este fim Trotsky enviou ao Dr. Bill uma procuração e informações detalhadas, sobre o processo de Moscou, escritas pelo proprio punho.

Esses documentos desapareceram quando o dr. Bill viajava pelo estrangeiro. Após o estudo detalhado do material sobre o processo de Moscou, o dr. Bill, em vista da situação externa da Tcheco-Slovaquia, isto é sobretudo do pacto tcheco-sovietico, recusou representar Trotsky, desaconselhando-o a mover tal processo.

Trotsky, contudo, apresentou queixa ao Tribunal de Praga, por intermedio do outro advogado, dr. Hans Adler. A 21 de Dezembro teve lugar uma tentativa de conciliação, prescrita pela lei, contra G. Barnasck, presidente do "Rude Pravo", orgão do P.C. tcheco, representado pelo dr. Hans Sekanina; contra o "Die Rote Fahne", orgão do P.C., em lingua alemã; e contra o "Mextikor" (Correspondencia Internacional), representada pelo dr. Siegmund Stein.

A conciliação foi recusada e o sensacional processo teve andamento.

-X-X-X-

CONTRA-PROCESSO NA SUISSA

MUNZEMBERG- PROCURADOR DE STALIN- CONFESSA A FALSIDADE DO PROCESSO DE MOSCOU

O cam. Leon Trotsky apresentou queixa-crime contra o Tribunal do Cantão de Valle-ville (Suissa) das calúnias, afrontas e insultos lançados contra ele durante os processos de Moscou de Agosto de 1936, Janeiro de 1937, indiretamente contra Stalin e diretamente contra Dimitroff, na qualidade de funcionario supremo inter-

53

-17-

nacional de Stalin, e autor de artigos ofensivos, bem assim contra os autores de artigos calunhadores-- Humbert-Droz e Bodenmann, líderes do P.C. da Suíça e gerentes dos órgãos da imprensa stalinista, publicados em Balle, e saber:

- 1)- "Die Kommunistische Internationale", revista do C.E. da I.C. publicada em russo, francez, inglês, chinês, espanhol, italiano e alemão;
- 2)- "Rundschau", órgão central da imprensa stalinista em lingua alemã;
- 3)- "Worwarst", órgão central do P.C., de Balle; e "Freiheit" que o substituiu depois.

A queixa deu entrada no Tribunal Penal de Balle á 8 de Fevereiro de 1937. Leon Trotsky autorizou o cam. Walter Nelz, representante da "Ação Marxista"-agrupamento suíço pela IV Internacional-- a organizar e conduzir o processo deixando-lhe o encargo de escolha de advogado.

O jornal que nossos amigos suíços editam "Trotz allem" (malgré tout...) do qual colhem estas notas, explica que tendo sido as organizações operárias impedidas de formar uma comissão de inquerito internacional que pudesse destruir o edificio de mentiras forjadas por Stalin para esmagar Trotsky e a Revolução Proletaria Mundial, a unica forma dele se defender perante o mundo é o recurso do Tribunal-- O "Trotz allem" lembra ainda que no ultimo outubro Bodenmann-- chefe comunista foi fortemente criticado pelo seu proprio partido por ter expulsado violentamente, de um meeting comunista, os "trotskistas, agentes da Gestapo".

Willy Munzemberg, personalidade tida um pouco á parte do P.C. alemão, contou, confidencialmente, em Paris, ao conhecido medico de Zurich, Fritz Brupbacher, que nem ele, Munzemberg, nem os dois líderes atuais do P.C. suíço Bodenmann e Humbert-Droz, crêm no que eles proprios dizem aos operarios contra Trotsky. Mas Munzemberg, acrescentou por precaução, que si Brupbacher se servisse publicamente de suas palavras, ele as contestaria energicamente. Brupbacher, como se vê, contou a conversa aos nossos amigos suíços; cabe agora a Munzemberg vir a público desmentil-la. Os que conhecem as duas personalidades em questão, pessoalmente ou através de suas atividades literarias, saberão julgar quem está com a verdade.

Nossos amigos suíços lamentam, vivamente, não poderem citar Stalin perante o Tribunal, o que é juridicamente impossivel uma vez que ele não é, ainda, oficialmente, chefe de Estado. Na realidade, ele não tem indiquinado a si mesmo, chefe de Estado que é o responsavel directo de todas essas execuções não disse uma palavra publica durante todo o processo!

Serão citados como testemunhas Leon Sedov, Victor Serge e Friedrich Adler. Nossos camaradas querem provar suas afirmações por documentos e reclamar uma indenisação de 10.000 francos suíços, que servirão, integralmente, pra ajudar a luta contra as camadas stalinistas e libertar as vitimas que apodrecem nos calabouços stalinistas.

ACTOS REALIZADOS EM FRANÇA EM TORNO DO PROCESSO DE MOSCOU

Por iniciativa do Comité de Inquerito sobre o Processo de Moscou realizou-se, em Paris, um meeting, na sala Magic-City, a 26 de Janeiro deste ano, ao qual assistiram mais de 3.000 pessoas. Presidiu o meeting Monatte, da "Revolução Proletária", falando, entre outros: Fournier, George Piech, Felicien Challaye e Welz, das Juventudes Socialistas (S.F.I.O.), Andres Breton lê uma mensagem de Victor Serge. Nesse cam, Gerard Rosenthal, advogado de Trotsky, destruiu, peça por peça, as tragicas farças de Moscou. Neville exaltou a IV Internacional, Arquer, do PCUM, respondeu aos stalinistas e atacou os democratas burguezes.

A 30 de Fevereiro realizou-se, em Paris, outro meeting, na sala Wagram, perante 2.500 trabalhadores, convocados pelo Partido Operario Internacionalista. Falaram pela Comissão de Inquerito; Felicien Challayo que lembra o processo dos menchevistas de 1932, Fred Zoller pelas Juventudes Socialistas Revolucionarias; Bandada pela Internacional; faz o historico do processo; Neville, do P.O.W., fala denunciando a união sagrada do P.C. francez. Seguiu-se um cam da "Estrada do Norte Africana", organização dos trabalhadores colonias, dissolvida por Blum; Dautrean pela União Anarquista, aproximando-se politicamente dos B.L., afirma sua solidariedade contra a reacção; Rousset, do P.O.I., fala da Espanha. Em seguida foi lido um artigo recente de Trotsky.

Em Lyon teve lugar um meeting de 1.200 pessoas sob o patrocínio da Comissão de Inquerito. Falaram G. Rosenthal, advogado de Trotsky, Savarol, da União Anarquista, Galliard, Andres Phillip, deputado do Rheno ao qual o embaixador sovietico negou um passaporte para a URSS, Emerry da Liga dos Direitos de Homem.

Uma ordem do dia foi votada requerendo a organização de uma comissão de inquerito.

Ha ainda a assinalar uma serie de reuniões e meetings locais, sobre o processo de Moscou, organizados pelo P.O.I., em toda a França.

No dia 21 de Janeiro de 1937 uma delegação do P.O.I. apresentou-se a embaixada sovietica em Paris, pedindo um passaporte para dois de seus camaradas. O porteiro fez vir a policia que recusou intervir sem uma requisição escrita do embaixador. Vieram então os agentes da G.P.U. que ameaçaram de morte os nossos camaradas. Como a delegação, apesar disso, negasse a partir, os responsáveis pela embaixada comunicaram finalmente a recusa de visar os passaportes.

41 43-A
535

ESPLÉNDIDA MANIFESTAÇÃO DE MASSA PRO-TROTSKY EM N. YORK

A 18 de Dezembro de 1936, o Comité de Defesa de Leon Trotsky organizou, em Nova York, um meeting a fim de exigir o direito de asilo para o nosso camarada Trotsky e a constituição de uma Comissão Internacional de Inquerito sobre o processo de Moscou. Compareceram 3.000 pessoas e 2.000, aproximadamente, não conseguiram lugar. Suzana La Follette, escritora e publicista, presidiu a reunião. Falaram no comício: Norman Thomas, secretário geral do Partido Socialista dos Estados Unidos, Jay Parrell, Marx Shachtman, Marx Eastman, Herbert Solow e outros. Herbert Solow, que editou um livro sobre o escritor Ossietzky (Prémio Nobel da Paz), lembrou uma citação deste sobre os atos anteriores do gangsterismo stalinista. O discurso de Eastman foi irradiado para todas as partes do mundo. Um grupo de marinheiros em greve, trouxe um telegrama dos paquês de greve dos marítimos de solidariedade ao Comité de Defesa de Trotsky.

O órgão do Partido Socialista - "Socialist Call", discordou vigorosamente das opiniões emitidas por Eastman que, identificando a URSS com a burocracia soviética nega o seu carácter proletário.

--X--X--X--X--

OS STALINISTAS MEXICANOS E TROTSKY

A primeira victoria do grande esforço do movimento bolchevique-leninista do Mexico, manifestada em muitos meetings e manifestações com a participação de milhares e milhares de trabalhadores, e de que resultou a decisão do governo mexicano de aceitar a vinda de Leon Trotsky, os stalinistas dobraram de vigor em sua campanha de mentiras e calúnias, e passaram a contra-ofensiva. Assim, no dia seguinte ao meeting "trotskista" de 18 de Outubro, meeting que marca, claramente, uma recrudescência do movimento operário mexicano, o P.C. organizou um comício anti-trotskista de composição social essencialmente pequena-burgueza, destinado a paralisar a influência crescente dos trotskistas no movimento sindical, juventudes socialistas e, deste modo, frear a combatividade proletária.

Desde a noticia da viagem de Trotsky para o Mexico, a imprensa stalinista desencadeou uma verdadeira campanha de LINCH contra nosso camarada Trotsky, incitando os dockers de Vera-Cruz a liquidá-lo; isto é a G.P.U. preparava um atentado e os portuarios de Vera Cruz aguentariam a responsabilidade. Incapazes de fazerem uma luta seria contra os fascistas, os stalinistas anunciaram a formação de milicias anti-trotskistas. Ao mesmo tempo seus dignos aliados - os fascistas mexica-

36

nós, na pessoa de quatro pistoleiros do Secretariado da Agricultura, atacam e ferem, dentro de um restaurant, no centro da cidade do Mexico, o nosso camarada Diego Rivera pintor e militante revolucionario. Unicamente a intervenção oportuna do cam. Calho impediu que Rivera fosse assassinado. E a imprensa stalinista de todo o mundo glorificaria "a colera do povo" contra os trotskistas.

Os "comunistas" contam, sobretudo, com o apoio de Lombardo Toledano, licenciado; secretario da Confederação do Trabalho do Mexico, que, depois de sua recente viagem á URSS é o representante officioso dos Soviets no Mexico. Entretanto, não só organizações como o Sindicato Unico do Navio, ou os sindicatos revolucionarios filiados á Central Operaria das Casas do Povo; o Partido e as Juventudes Socialistas, os anarquistas, os trotskistas, como também organizações filiadas a C.T.M. como o potente sindicato dos operarios em petroleo e o das Artes graficas e outros, rebelaram-se contra a posição tomada pelo Secretario nacional da C.T.M., e aderiram ao Comité Mexicano pelo direito de asilo a Trotsky. A C.T.M. foi, desta forma, obrigada a recusar as propostas de Toledano que apresentava uma moção ao Executivo da C.T.M. uma moção atacando Trotsky como "agente da Gestapo, etc", e se opondo á sua entrada no paiz. O executivo da C.T.M. reafirmou seu apoio ao principio democratico de asilo e se limitou a definir as divergencias politicas entre a C.T.M. e Trotsky numa declaração: "Si Trotsky quer, pelo unico facto de sua presença no Mexico, incitar seus partidarios a propor a insurreição armada imediata e o estabelecimento da ditadura do proletariado, sem levar em consideração o estado historico actual (a frente popular), então a C.T.M. não considera como desejavel a presença de Trotsky entre nós."

O P.C. tentou fazer denunciar Trotsky pela C.T.M. como um contra-revolucionario. Ela responde denunciando-o como... um revolucionario ! Nem uma palavra em sua resolução sobre "terrorista", "assassino", ou "Gestapo" !!

Após esta derrota lamentavel, os stalinistas não têm medido esforços para realizar suas ameaças. Encolhem-se completamente até o 3º dia depois de sua chegada. Só então conseguem organizar uma pequena manifestação com algumas centenas de jovens. Foi tudo. A G.P.U. tem de imaginar outros meios para conseguir o seu fim supremo: assassinar Trotsky.

-X-X-X-